

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

MULHERES GUINEENSE E O TRABALHO INFORMAL: LUTAS E RESISTÊNCIAS

Rosiani Sanca Martins

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.13186>

Submetido em: 2025-09-08

Postado em: 2025-09-09 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

MULHERES GUINEENSE E O TRABALHO INFORMAL: LUTAS E RESISTÊNCIAS

AUTORA: ROSIANI SANCA MARTINS.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-6397-7719>.

<Rosiani.martins709@academico.ufgd.edu.br>

**Universidade Federal de Grande Dourados (UFGD). Dourados, Mato Grosso do Sul (MS),
Brasil.**

RESUMO:

Presente trabalho tem como objetivo compreender o envolvimento das mulheres guineenses no trabalho informal, destacando sua importância para manutenção de muitas famílias e para o desenvolvimento socioeconômico de Guiné-Bissau. Isso porque, neste país, a economia informal desponta como um fenômeno essencial, sendo entendida como uma reação resiliente das camadas mais desfavorecidas, principalmente as mulheres. O trabalho buscou analisar especialmente as relações de gênero em sua conexão com as dinâmicas do trabalho informal em Guiné-Bissau. Por isso, foi destacado o papel do trabalho das bideiras na luta pela independência financeira e, em seguida, no combate ao analfabetismo e na busca de educação superior aos seus filhos. Em termos metodológicos, foi usado uma abordagem qualitativa, com a realização de visitas e entrevistas, em diferentes cidades das regiões do país, que permitiram analisar com profundidade a realidade das mulheres no setor informal. A pesquisa permitiu evidenciar que o trabalho informal realizado pelas mulheres guineenses tem função fundamental no desenvolvimento de Guiné-Bissau, mas é profundamente invisibilizado e desvalorizado, exigindo um esforço coordenado que envolva toda a estrutura do país (governo, empresas e organizações da sociedade civil). Isso inclui a promoção de empregos formais e seguros, o fortalecimento das regulamentações trabalhistas, o investimento em educação e formação profissional, a eliminação da discriminação de gênero e o estímulo à diversificação econômica.

Palavras-chave: Mulheres Guineenses, Bideiras, Trabalho Informal, Família, Resistências.

GUINEAN WOMEN AND INFORMAL WORK: STRUGGLES AND RESISTANCE

ABSTRACT:

This study aims to understand the involvement of Guinean women (Guinea Bissau) in informal labor, highlighting its importance for the maintenance of many families and for the socio-economic development of Guinea-Bissau. That's because, in this country, the informal economy has emerged as an essential phenomenon, and it's understood as a resilient reaction of the most underprivileged sections of society, especially women. The study sought to analyze gender relations in their connection with the dynamics of informal labor in Guinea-Bissau. For this reason, it has highlighted the role of 'bideiras' work in the struggle for financial independence and, subsequently, in the fight against illiteracy and the pursuit of higher education for their children. In the context of methodology, a qualitative approach was used, with field work and interviews carried out in different cities in different regions of the country, which allowed an in-depth analysis of the reality of women in the informal sector. The research revealed that the informal work carried out by Guinean women (Guinea-Bissau)

plays a fundamental role in Guinea Bissau's development, but is profoundly invisibilized and undervalued, demanding a coordinated effort involving the entire structure of the country (government, companies and civil society organizations). This includes promoting formal and secure employment, strengthening labor regulations, investing in education and vocational training, eliminating gender discrimination and encouraging economic diversification.

Keywords: Guinean Women, Bideiras, Informal Work, Family, Resistance..

ASPECTOS INTRODUTÓRIOS DA REALIDADE GUINEENSE

O presente trabalho¹ tem como objetivo compreender o envolvimento das mulheres guineenses no mercado informal e quais são os benefícios para o crescimento econômico do país, pois o trabalho informal realizado pelas mulheres tem sido um caminho para a luta contra a pobreza, já que estar nesse mercado auxilia na sobrevivência e na sustentação das famílias em termos de educação, alimentação, saúde, vestuário e, ainda, para o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB). Desde sempre as mulheres guineenses colaboraram na edificação do país, gerando grande impacto na sociedade guineense, não só sendo domésticas ou mães, mas também como mulheres que são capazes de gerar a sua autonomia financeira e, simultaneamente, sendo donas de suas famílias, e assim tendo liberdade. Porém, leva-se em conta a baixa inserção das mulheres no sistema do ensino comparado com a dos homens.

As mulheres bideiras² enfrentam dupla jornada de trabalho, o trabalho não se resume apenas em vender nas feiras, mas cuidar da casa e dos filhos, deixar a casa em ordem, as suas jornadas de trabalho começam cedo e na maioria das vezes acordam mais cedo que todos para chegarem cedo no mercado e conseguir os produtos frescos. E quando têm que viajar para o lumu³ essa jornada começa mais cedo ainda e termina mais tarde. Vale ressaltar que nem todas as bideiras são mães, mas mesmo assim a vida gira em torno de acordar cedo, arrumar a casa, ir procurar os produtos para vender e para aquelas que ainda estudam, controlar a hora das aulas.

Nos últimos 20 anos, o que tem auxiliado no desenvolvimento socioeconômico da Guiné-Bissau é a economia informal. Em um cenário com diversas instabilidades militares, político-

¹ O trabalho é uma parte do terceiro capítulo da dissertação do mestrado apresentada no programa de pós-graduação em sociologia da universidade Federal de Grande Dourados (UFGD) sob a orientação do Prof. DR: Marcilio Rodruigues Lucas.

² A forma como são chamadas as mulheres que trabalham no mercado informal.

³ São feiras periódicas que acontece nas diferentes lugares do país.

econômicas, dificuldades e atrasos em salários desta economia, o que acaba por caracterizar este país, diante dessas incertezas que define o estado guineense, o trabalho das mulheres tornou-se fundamental para a construção econômica mais viável e mais rentável para o estado guineense. O setor apresenta um fluxo de rendimento muito alto e que contribui no produto interno bruto (PIB) do país. Pois além da economia esse setor tem auxiliado no desenvolvimento das outras áreas, como a educação, turismo e transporte.

Muito embora existam alguns estudiosos (as) africanas (os) que analisam essa categoria da feminização do trabalho, esse estudo tem um diferencial porque está voltado para as mulheres que trabalham com comércio informal. No entanto, a pesquisa não se limita só no espaço que elas trabalham, mas o impacto do trabalho delas na economia e na erradicação do analfabetismo, lutas, resistências e como se dá essa troca de sair para comprar produtos em outros países e quais são os desafios encontrados nesse processo.

Apesar das mulheres fazerem parte dessa dinâmica de compra de mercadorias, elas estão longe de serem representantes do capital, porque o trabalho delas não é reconhecido dentro da estrutura das literaturas mais ortodoxas do capitalismo, mesmo estando dentro dessa dinâmica.

Salientando que essas mulheres não se preocupam com o lucro, e pode-se inclusive chamá-las de vítimas do capitalismo porque são revendedoras, ou seja, pode-se dizer que desempenham uma função gratuita (trabalhadoras gratuitas), gratuita porque na medida que elas compram esses produtos e os revendem, dão abertura para o capitalismo, porém não com objetivo de lucro. Dentro desta estrutura, diversos termos podem apresentar a forma como essas mulheres empreendedoras se enquadram, tais como microempreendedoras, pequenas empreendedoras e empreendedoras por necessidade. Essas designações são apropriadas, uma vez que boa parte delas entra no setor informal devido a situações financeiras adversas.

Seguindo o estudo, um aspecto explícito desse contexto de informalidade é a prática de estabelecer relações de venda baseadas na confiança recíproca. Mesmo quando um cliente não dispõe de dinheiro para adquirir o produto que deseja, essas mulheres, devido à afinidade estabelecida com o passar do tempo, escolhem fornecer os produtos, deixando que o pagamento seja realizado em momento posterior. Essa ação pode ser comparada a um empréstimo (também conhecido popularmente como "fiado"), há uma certeza na palavra da cliente.

Vale destacar que esses acordos não se limitam apenas aos produtos, mas incluem também empréstimos em dinheiro. Fica evidente que a oralidade ainda cumpre um papel fundamental nas sociedades africanas, onde confiança e a palavra têm um valor inestimável. Essa prática explana como a economia informal se baseia em relações sociais e na confiança mútua, comprovando a resiliência e a adaptabilidade das empreendedoras.

Segundo Hampaté Bâ, nas tradições africanas, a fala que tira do sagrado o seu poder criador e operativo, se encontra em relação direta com a conservação ou com a ruptura do mundo que o cerca (BÂ, 2010).

Por esses motivos nas sociedades orais tradicionais consideram a mentira uma verdadeira lepra moral. Na África tradicional, aquele que falta a palavra mata sua pessoa, civil, religiosa e oculta. Ele se separa de si mesmo e da sociedade. Seria preferível que morresse, tanto para si próprio como para os seus (BÂ, 2010, p. 174).

Mesmo revolvendo com a economia, elas estão sempre preocupadas com a renda familiar, o que se chama de economia familiar, que está mais para garantir o sustento da casa e da família. O que Vaz e Hita⁴ denominam de “reprodução social”, pelo fato de realizarem esse trabalho sem pretensão do lucro, mas dentro desse meio ainda permite essa troca social criando assim um laço de solidariedade não só entre elas, mas também com aqueles que vêm de fora para comprar os produtos.

Pesquisa se assenta numa abordagem qualitativa, já que o objetivo principal da pesquisa é compreender a atuação das mulheres guineenses no mercado informal. O objeto do estudo em questão, precisa de uma abordagem mais exploratória e aprofundada para a compreensão do fenômeno. De acordo com Gerhardt e Silveira (2009) a pesquisa qualitativa não se preocupa com os números, mas sim entender toda a estrutura de um grupo social, de uma organização, entre outras. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria. Diferentemente das Ciências Exatas, nas Ciências Humanas quando um pesquisador inicia a sua pesquisa é necessário a definição de um objeto claro e preciso. Segundo Martins (2004) "ao verificar na história da sociologia, a mesma revela que esse campo do conhecimento sempre se caracterizou pela necessidade de definir seu objeto de forma clara e precisa,

⁴ VAZ, Paulo Gomes; HITA, Maria Gabriela. Circuito de Mercadorias e Identidades Africanas em Movimento: Reprodução social das Mulheres Angolanas e Guineenses no Comercio Retalhista África- Brasil- China e Sudeste Asiático. Cadernos de África contemporânea, v. 1, p. 108-133, 2018

assim como entender como funcionam os critérios da ciência e os estudos sociológicos". Já que a Sociologia sempre questiona os acontecimentos dentro da própria ciência e fora dela, então é fundamental apresentar os caminhos.

Foram realizadas entrevistas a partir de roteiros semiestruturados, formando um total de 36 entrevistadas (os), com mulheres que trabalham no setor informal, aquelas que vendem nas feiras, filhas (os) dessas mulheres, de todas (os) envolvidos nas pesquisas tinha faixa etária entre 15 e 86 anos, de diferente grupo étnico. Vale ressaltar que todos os nomes usados são fictícios. Entre as entrevistadas tinha aqueles que são mães e outras não, mas os objetivos eram os mesmos e na maioria das vezes o lugar onde elas vendem são herdadas de geração a geração. E muitas vezes as (os) filhas (os) tem que ajudar a mãe quando está tem algo para fazer, mas acabam herdando esse lugar depois para complementar a renda ou para aquelas que não conseguem um emprego o espaço que era da mãe já fica com a pessoa.

[...] estudo á tarde, no Liceu Dr: Agostinho Neto⁵ 10^a classe⁶, mas quando acordo de manhã tenho que vir para feira, já que nesse horário a minha mãe está no Caracol⁷, eu tenho que ficar na mesa, o dinheiro que tiro nesse horário ajuda a garantir “djanta”, nem sempre chega, mas quando não dá a minha mãe completa assim que ela chegar na feira. Quem fazia isso era minha irmã mais velha, ela ajudava a minha avó, mas depois que ela entrou na faculdade de medicina tem que estudar muito o tempo não dá e a minha avó faleceu em 2021 e a minha mãe passou a mesa dela para minha tia e ficamos com a mesa da minha avó. Acho que quando eu entrar na universidade ou ir estudar fora quem vai ajudar a minhã mãe sera meu irmão.

A escolha da entrevista como técnica se deu ao fato que a entrevista permite uma aproximação entre o pesquisador (a) e a entrevistado (a) e essa aproximação ou interação é indispensável para um bom resultado na pesquisa qualitativa. Para Gil apud Batista (2017), “Os profissionais que tratam de problemas humanos tais como psicólogos, sociólogos, pedagogos, assistentes sociais entre outros, valem-se dessa técnica, não apenas para coleta de dados, mas também com objetivos voltados para diagnóstico e orientação. Ou seja, parte importante do desenvolvimento das ciências sociais nas últimas décadas se deu graças à utilização da entrevista”. E durante a realização das entrevistas surgiu uma necessidade incorporar alguns homens que trabalham nesse setor, para analisar a percepção deles nesse espaço dominado pelas mulheres. As entrevistas foram realizadas em diferentes regiões da Guiné-Bissau, e os roteiros das entrevistas foram elaborados em duas versões, uma na língua Crioula

⁵ Um dos colegios do país

⁶ Segundo ano do ensino médio

⁷ Uma das feiras do capital

que é a língua nativa da população guineense, ou seja, a língua nacional já que a maioria da população fala crioulo e isso permite uma maior interação, e o segundo roteiro foi feito na língua portuguesa. Vale ressaltar que foram elaborados 3 roteiros, o primeiro foi aplicado com as (os) filhas (os) das mulheres envolvidas na pesquisa, segundo roteiro foi feito com as pesquisadas e o terceiro e último roteiro foi feito com os homens que trabalham no mercado informal.

Importante destacar, que nem todas as entrevistas foram realizadas presencialmente. As primeiras, com as (os) filhas (os) das trabalhadoras, ocorreram remotamente pelo Google Meet, pois esses entrevistados (as) se encontravam na diáspora. As outras entrevistas foram realizadas presencialmente na língua crioulo e nos espaços escolhidos por elas, por isso a grande parte foi feita nas feiras, no local de trabalho, uma vez que a maioria passa o dia inteiro na feira, lugar que elas denominam de "meu gabinete".

MULHERES NA LUTA DE LIBERTAÇÃO

As mulheres sempre tiveram um papel crucial na Guiné-Bissau. A partir dos tempos pré-coloniais, eram elas que cuidavam da família quando os homens não estavam presentes, da agricultura e educação infantil, e muitas lutaram na linha de frente com os homens criando estratégias e para elas era necessário que o país voltasse a ser dos guineenses comandado pelos próprios nativos, naquela época não precisava ser chamado para se juntar a causa, como relatou a entrevistada Maria, era ter consciência. [...]Minha filha não tinha isso de chamado, era ter consciência, não existia essa de sou dessa (raça)⁸ existia o dever de tomar o nosso país de volta, no meu caso o que mais me motivou além do meu marido ir para Quebo⁹ lutar, era que o meu pai trabalhava para os portugueses, mas condição do trabalho não era bom, eu estudava na época, mas eu via meu pai sempre triste e casando, lembro que, quando meu marido disse que ia para Quebo eu não queria que ele fosse, porque era pouco tempo de casamento, mas ele falou para mim que se o país voltasse a ser de todos os guineenses, aí sim, o nosso casamento ia ser muito mais feliz, esse também foi um dos motivos (risos), foi difícil no início, chorei muito no começo, principalmente quando meu marido teve que sair de Quebo para Boe eu fiquei sem ele, mas não era só eu, tinha muitas mulheres lá também. Hoje vejo muitas pessoas falarem

⁸ A forma que os guineenses denominam a etnia, os guineenses raramente usam termo etnia, mas sim raça "eu sou dessa raça" significa eu sou dessa etnia

⁹ setor de Catió, faz parte da província Sul.

da luta, mas só nós sabemos o que foi essa luta, andávamos quilómetros, escondíamos munição nos putis¹⁰ hoje é bom lembrar. [...]

No processo da luta já existia a necessidade das mulheres se juntarem para o fortalecimento entre elas e para lutar contra o machismo e o patriarcado, foi nesse sentido como afirma Mendes (2016), havia sido criada a primeira organização das mulheres, a União Democrática das Mulheres (UDEMU), em Guiné-Conacri no ano 1961.

Ao longo do período colonial, quando os homens que estavam ausentes, pois eram capturados para o trabalho forçado e transportados para regiões distintas, as mulheres desempenharam o papel de sustentar as suas famílias e garantir a sobrevivência delas, em um ambiente hostilizado e de colonização. No decorrer da luta de libertação nacional, as mulheres garantiram sua ativa participação, pois carregaram material bélico, cuidaram das plantações e alimentaram os guerrilheiros, e sem contar aquelas que lutaram na linha de frente com os homens. Mendes (2016) diz que para o crescimento social das mulheres guineenses, a luta pela libertação na Guiné-Bissau colaborou imensamente.

Amílcar Cabral, líder do movimento de libertação guineense, não vê a criação de um estado sem a emancipação feminina, ele acreditava na importância do papel das mulheres na sociedade guineense, as mulheres são vistas, de forma preconceituosa, como incapazes de liderar, por serem consideradas excessivamente sensíveis e com baixa capacidade em termos de habilidades intelectuais. Por mais que uma mulher tenha formação acadêmica e deixe evidente a sua capacidade para assumir um determinado cargo, o sistema não lhe permite assumir o mesmo, pois a sua condição de ser mulher é relacionada com a ideia de uma fragilidade maior, que acaba por colocá-la em uma situação de total dependência (GOMES; FURTADO, 2017).

Apesar disso, as mulheres guineenses desempenharam um papel importante na luta de libertação nacional da Guiné-Bissau contra o colonialismo português. Em meio a um contexto social e culturalmente desafiador, as mulheres se envolveram ativamente na resistência contra o regime colonial, contribuindo para a causa da independência de várias maneiras (MUSTAFA, 2010).

Nas áreas urbanas, as mulheres guineenses se mobilizaram politicamente, organizando manifestações, protestos e outras atividades de resistência. De acordo com Mustafa (2010), elas se

¹⁰ Moringas

juntaram às organizações políticas e movimentos de libertação, como o Partido Africano para a independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), que liderou a luta de libertação na Guiné-Bissau. As mulheres participaram de comícios, discursos e outras atividades políticas, enfrentando a repressão do regime colonial para defender os direitos do povo guineense e buscar a independência.

Além disso, as mulheres guineenses também desempenharam um papel fundamental nas áreas rurais, onde a resistência ocorreu de forma diferente. Elas forneceram apoio logístico aos combatentes, como alimentação, cuidados médicos e transporte de suprimentos, muitas vezes arriscando suas vidas para apoiar a luta de libertação. As mulheres também foram ativas na propaganda anticolonial, disseminando informações e conscientizando suas comunidades sobre a injustiça do sistema colonial e a necessidade de independência (MARGARIDO, 2010).

As mulheres guineenses foram pioneiras na luta de libertação, enfrentando desafios e preconceitos de gênero para se tornarem agentes de mudança e contribuir para a causa da independência. Elas mostraram coragem e resiliência, enfrentaram a repressão do regime colonial e lutaram por um futuro melhor para seu povo e sua nação. É importante destacar que a participação das mulheres na luta de libertação não foi apenas limitada a atividades de apoio, incluiu a atuação direta como combatentes. Muitas mulheres guineenses se juntaram às fileiras do PAIGC como guerrilheiras, arriscando suas vidas na luta armada contra as forças coloniais portuguesas. Elas demonstraram bravura e determinação na defesa da independência e na conquista da liberdade para seu povo (MARGARIDO, 2010). E sempre que era necessário ou quando o confronto se intensificava em determinado lugar, elas iam para ajudar as vezes, como enfermeira, cozinheira e costureiras. E esses lugares acabam se tornando um lar para elas e depois para suas famílias.

ECONOMIA E TRABALHO NA GUINÉ-BISSAU

O trabalho em Guiné-Bissau não possui somente a dimensão produtiva concebida a partir do modelo de produção capitalista, é visto também como um modo de vida. O trabalho ajuda no fortalecimento de vínculo entre os sujeitos da mesma comunidade ou aldeia, por isso que possui este significado simbólico. A partir do início dos tempos, o homem sempre almejou o desenvolvimento de tarefas para que as suas necessidades fossem alcançadas, principalmente anterior a evolução da agricultura. Historicamente, os indivíduos constantemente vêm criando os seus modos ou modelos de acordo com a evolução da sociedade, exemplo dos modos produções existentes no passado.

O modo de produção tribal é o modelo de produção mais antigos, feito por família ou um determinado grupo étnico, onde todos trabalhavam juntos e recebiam mesma parte dos bens produzidos. Não havia classe social ou Estado e nem havia exploração de uns sobre outros, as trocas de bens eram feitas de maneira simples de caráter celebrativa e solidária.

Na Guiné-Bissau, mesmo com avanço do processo de globalização do capitalismo mundial a níveis locais, se preservam ainda os aspetos tradicionais de trabalho, que estão atrelados a noção da coletividade, uma vez que as antigas formas de produção e troca ainda estão bem presentes nos cotidianos de interior do país. Como relata a entrevistada, em algumas partes do país ainda existe a ideia da coletividade, mesmo com as dificuldades enfrentadas no dia a dia, ainda sim, partilhar é comum. [...]Eu sou filha dos agricultores, e hoje vendo nas feiras e vou para bolanha¹¹ depois, meus pais me ensinara, esse trabalho, lembro que na morança¹² íamos para o campo preparar a terra para plantação de arroz quando eu era mais nova, era bons tempos na época de quebur¹³ mulheres descia para a bolanha cantando, quando terminamos todo o trabalho dividíamos as comidas, quem plantava batata ou mancarra¹⁴ dava um pouco para os vizinho, mas hoje é difícil mesmo que vai dar um pouco para alguém, tem que ficar com a maior parte e vender. Na quela época, as coisas eram mais fáceis, hoje eu faço esse trabalho de feira para casa e de lá vou para bolanha [...]

A ideia de partilha é comum na África é pode analisa-la através da filosofia Ubuntu que destaca o valor da relação entre pessoas, da empatia e da comunidade. Um dos princípios fundamentais do ubuntu é a ideia de que “eu sou porque nós somos”, mostra a ligação entre os seres humanos. Filosofia de ubuntu fala que a nossa individualidade e humanidade está intimamente ligada com a nossa interação com o outro. Ubuntu promove ideia de que, para alcançar a realização pessoal, é essencial reconhecer e sustentar a nossa conexão com o outro para a melhoria da nossa comunidade. Outro princípio da filosofia ubuntu é a bondade que promove partilha, aqueles que tem é incentivado a ajudar os que não tem. (CHIQUETTI 2022).

¹¹ Campo

¹² Comunidade

¹³ Colheita de arroz

¹⁴ Amendoim

CONFLITOS E ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA

Para enfrentar as dificuldades e o descaso mencionados, as trabalhadoras tem consciência da importância de se organizarem para defender seus direitos e buscar melhorias, no entanto, essa não é uma tarefa fácil. Nesse ponto, vale ressaltar a pesquisa “Dinâmicas e constrangimentos nos processos de organização dos trabalhadores informais na Guiné-Bissau” do autor Bialoborska (2014), que trata sobre como os guineenses se organizam em grupo de apoio no setor informal, salientando a grande participação das mulheres em tais associações. O artigo, expõe o crescimento dessas organizações, mas ainda realça as dificuldades de manter a eficácia, enfrentando constrangimentos internos e externos.

Tais constrangimentos internos, para Bialoborska, (2014, p. 11), pode-se citar dois casos principais, sendo que um deles é “Falta de experiência associativa”, mas mesmo assim conseguem unir forças para apoiar uns aos outros quando estes precisarem. Outro é a “falta de apoio técnico”, já que “ausência das pessoas com capacidade de fornecer algum apoio técnico leva à incapacidade de encontrar melhores soluções para os problemas com os quais lidam e que pretendem superar”. Indagando o quanto a formação superior das mulheres poderia auxiliar nesses quesitos e minimizar os problemas.

A Entrevistada Marina comenta “[...] se tiver um problema essa associação estará aqui para nos ajudar”, a Entrevistada Toia fala que “[...] sempre as mulheres a ter uma é como um rede de apoio [...] considero importante essa associação para discutirmos as questões como da higiene e se precisamos de alguém para ir ter com governador [...]”, e a Entrevistada Zinga afirma que, “[...] tem necessidade de uma associação para enfrentar os problemas daqui, pagamos nessa associação uma taxa mínima para que essa associação nos ajuda depois [...]”.

O TRABALHO DAS MULHERES NA SOCIEDADE GUINEENSE

Ao explorar a intersecção entre as palavras-chave Guiné-Bissau, Gênero e trabalho Informal, o que os resultados revelaram sobre os estudos científicos disponíveis, destaca uma riqueza de temas abordados sobre gênero e Guiné-Bissau, mas encontrou-se um déficit de conteúdos mais aprofundados sobre a distinção de gênero que afeta as mulheres como autônomas de seus trabalhos.

Os estudos examinados no Google Acadêmico ressaltaram o impacto diferenciado do colonialismo europeu, com ênfase em temas como colonização, pós-colonização e a influência nas estruturas de gênero. A mulheres do setor informal. Experiências da Guiné-Bissau; evidenciou a contribuição significativa das mulheres para a economia familiar por meio do trabalho informal.

A observação de trabalhos produzidos relacionados ao tema como no caso dos artigos, Dinâmicas e constrangimentos nos processos de organização dos trabalhadores informais na Guiné-Bissau; e A inserção das mulheres no mercado de trabalho na Guiné-Bissau, manifestou as dificuldades enfrentadas pelas associações informais, especialmente as conduzidas por mulheres, destacando questões como falta de experiência associativa e apoio técnico, além da falta de oportunidade de fala por serem vistas como de opinião menos relevante.

A desigualdade entre mulheres e homens é perceptível e as autoridades, pressionadas pelas organizações femininas, enfim submeterem uma lei para reverter esse cenário. Para que as mulheres tenham uma autonomia, foi aprovada a Lei de quotas em 2018, sendo que o foco principal é que se tenha representação mínima de 36% das mulheres em cargos eletivos, ou seja, a intenção de que elas tenham mais poder nas tomadas de decisões, influenciando no trabalho e outras ações na sociedade (INE, 2023).

Nas dinâmicas sociais de Guiné-Bissau, emerge uma explanação significativa sobre a atribuição das mulheres no setor informal, descrevendo a relação entre gênero, empoderamento e as relações sociais (GOMES, 2012; SANCA, 2014).

É necessário debruçar e aprofundar a compreensão do avanço social, o que predomina no contexto do setor informal guineense, evidenciando as lutas diárias das mulheres para ter uma renda em meio as desigualdades estruturais. Para Hudson-Weems (2020), a apreciação parte da consideração de que a história dessas mulheres, dialogando com as experiências vividas, são basais para a desconstrução de estereótipos e a promoção de uma narrativa mais inclusiva, com propósito de equidade. Autora nigeriana Oyèrónkẹ Oyěwùmí no seu livro "A invenção das mulheres" que antes do colonialismo os trabalhos não eram classificados por questão de gênero, ou seja, o papel da mulher não se limitava apenas às questões biológicas, já que em África nessa época as mulheres tinham poderes de decidir e de governar e não era medida pelo fato de serem mulheres. Falar de relação de gênero na Guiné-Bissau traz à tona as diversas ondas de colonialismo. Como bem sabemos, o país é

uma parte da África invadida pelos colonizadores, seja colonos árabes, assim como a colonização europeia.

Essas duas culturas, europeia e árabe, são sociedades patriarcais que trouxeram para o continente africano a concepção sobre o patriarcalismo, não que no continente africano não existia, mas era de uma forma equilibrada, mas equilibrada como? Equilibrada no sentido que existiam reinos onde o matriarcado predominava e o poder feminino era muito forte, temos exemplos da Rainha Okinka Pampa, da ilha dos Bijagos, Rainha Nzinga Mbande do Ndongo e matamba, que é a atual Angola hoje, entre outras.

A BUSCA PELA INDEPENDÊNCIA ATRAVÉS DO TRABALHO INFORMAL

Ao longo das décadas, a busca incessante pela independência econômica entre as mulheres guineenses tem sido moldada por uma complexa interseção de fatores históricos, culturais e socioeconômicos. A peculiaridade dessa trajetória é evidenciada pelo papel proeminente desempenhado pelo trabalho informal como um canal vital para a realização de aspirações financeiras e conquista da liberdade individual (GOMES, 2016).

No contexto específico da Guiné-Bissau, as mulheres têm se deparado com uma miríade de desafios, que vão desde questões socioeconômicas até obstáculos políticos que influenciam diretamente suas vidas. Nesse cenário desafiador, o setor informal surge como uma arena na qual muitas mulheres encontram meios inovadores e adaptáveis para alavancar a autonomia financeira e, por conseguinte, alcançar uma liberdade que transcende as fronteiras econômicas (GOMES, 2015).

[...]Pessoas acham que vender é fácil. Pode até ser antes, mas hoje é muito mais complicado. Temos que enfrentar vários desafios, desde casa até esse espaço. Ora a briga é com a câmara, ora é com o estado, as barreiras hoje são mais difíceis de atravessar do que antes, mas saber que tenho o meu dinheiro e sustento a minha família sem precisar mendigar, posso atravessar mil barreiras [...]

A economia guineense, predominantemente agrícola, estabelece as mulheres como protagonistas multifuncionais, desempenhando papéis cruciais desde o trabalho nos campos até iniciativas empreendedoras no setor informal. A diversificação de atividades, como comércio local, produção artesanal e prestação de serviços, não apenas reflete a resiliência das mulheres, mas também destaca a capacidade de inovação diante das adversidades (FIGUEIREDO, GOMES, 2016).

Contudo, é imperativo reconhecer que essa busca pela independência econômica através do trabalho informal não está isenta de desafios substanciais. A falta de acesso a recursos financeiros, a ausência de redes de segurança social e a volatilidade econômica constituem barreiras que podem restringir o pleno desenvolvimento dessas iniciativas. Além disso, as mulheres frequentemente se deparam com estigmas sociais arraigados e enfrentam barreiras culturais, o que torna crucial uma abordagem holística para superar esses obstáculos (GOMES, 2015).

Ao avaliar pesquisas como *Autonomia, relação de gênero e trabalho: análise da atuação das mulheres bideira chefes de família em Bissau*, notou-se relatos sobre a capacidade das mulheres guineenses em extrapolar os desafios culturais, quebrando padrões desenvolvidos pelo patriarcado e adotando a globalização acentuou essas contradições, expandindo o emprego feminino e o campo do trabalho informal, porém conservando a sobrecarga das tarefas domésticas, ampliando a divisão desigual do trabalho. Nesse contexto, o capitalismo se privilegia da mão de obra feminina, enquanto perdura a subordinação de gênero, relegando às mulheres a carga pela reprodução da força de trabalho (LENINE; DJÚ; GONÇALVES, 2023).

Assim, este estudo que buscou ver de perto as mulheres que lutam diariamente no trabalho informal, mostra o quanto elas não apenas resistem às opressões, mas também desafiam ativamente as estruturas que perpetuam sua subordinação, trabalhando em locais sem condições básicas, para garantir a sua independência e o futuro dos seus filhos. Este trabalho informal não é apenas uma fonte de sobrevivência, mas também um ato de resistência contra um sistema que exclui as mulheres.

Algo relevante para relatar, sobre essas mulheres entrevistadas, é o fato delas trazerem consigo as raízes ancestrais, sendo que saem de casa para vender desde crianças ou viram suas mães atuando nesse meio, percebendo que sempre foi um ato de busca pela autonomia. Nota-se, por meio do relato da Entrevistada, que comenta sobre o caso de ter aprendido a vender com a sua mãe, destacando a luta pela independência sendo passada de geração para geração:

[...] Eu comecei muito cedo, porque a minha mãe, ela trabalhava em uma granja, mas mesmo trabalhando com carteira assinada, ela vendia pequenas coisas cuscuz, panguet¹⁵. Ela nos dava para sair vender de porta eu e minhas irmãs mais novas, comei vender muito cedo antes de sonhar que iria

¹⁵ Um especie de donut

casar, quando eu era apenas uma criancinha que ajudava a minha mãe. Ela preparava tudo e ia trabalhar nos levávamos para vender, daí me acostumei. Depois me casei meu marido faleceu, continuei, nunca faltou almoço nem jantar em casa, meus filhos iam para escola de padre, que é privada lá em são bento, estudaram lá eu pagava. O mais novo está no último ano de liceu, faz tempo que eu vendo, não é de hoje [...]

A PERSPETIVA DAS FILHAS E FILHOS DAS BIDEIRAS

Em síntese, pode-se dizer que, juntamente com o sustento da família e a irmandade entre colegas, a possibilidade de proporcionar estudos aos filhos, são os principais motivos para a dedicação ao trabalho nas feiras. Por esse motivo, durante a pesquisa, foi percebida a necessidade de entrevistar também filhas e filhos destas mulheres, para ouvir suas percepções. [...] quando ela chegava da feira, ela nunca deixava de fazer as tarefas domésticas, mas o que me mais marcou foram os acompanhamentos das tarefas da escola, ela fazia questão de participar. E hoje quando paro para pensar sinceramente a sua pesquisa, está me fazendo lembrar e reconhecer que esse trabalho na qual a minha mãe fazia contribuiu e hoje posso dizer que foi um sucesso olhando até onde eu cheguei. Então tanto em Bissau, assim como no Brasil, ajudou muito (Midana).

Entre essas, a história compartilhada pelo Entrevistado Midana, é um depoimento poderoso quanto a relevância do trabalho informal na vida das pessoas da família e de como essa coragem, muitas vezes, invisível, colabora para a independência de todos os envolvidos, tanto no âmbito pessoal quanto acadêmico.

Ele salienta como o trabalho intenso de sua mãe na feira foi fundamental para sua jornada de vida, desde pequeno na escola até as oportunidades no ensino superior. Destaca que seu pai também cooperou, mas que o trabalho dela foi incansável e que teve um impacto expressivo em sua vida. Outra entrevistada, Badjimir comenta que a mãe começou a vender água na feira durante a gestação dela, e durante a sua infância, a entrevistada já era envolvida no trabalho informal, quando ainda bebê, era levada até a feira para a mãe amamentar. E já com 9 e 10 anos, começou a prática na venda de água, começando a amarrar dentro das sacolas, e a levar comida para a mãe na feira, seguindo a tarde para estudar.

Em relação ao sustento familiar, mesmo com a contribuição financeira do pai para a escola, o trabalho de vender ajudou a cobrir outras despesas. Em 2017, ela também começou a vender água, proporcionando independência financeira e empoderamento para ela e sua mãe, destacando a realização de projetos pessoais pela mãe com o dinheiro da venda. A experiência de vender água ensinou à entrevistada a importância da independência financeira e não depender totalmente de outra pessoa.

O dinheiro proveniente da venda foi utilizado para a documentação necessária para a viagem ao Brasil. Agora, “estando aqui não peço dinheiro para ela, porque consegui a bolsa de Promisae, alimentação e moradia [...] acho que não tem necessidade [...] ela ainda tem a nossa casa para sustentar”. Em relação a formação superior da família, ela explica sobre quanto esse trabalho ajudou na formação dos tios, irmãos e dela própria, pois alguns estão no Brasil fazendo graduação ou doutorado.

Já entrevistada N’Pili conta que “hoje, estou fazendo Licenciatura em Computação, agora me resta um ano para terminar”. E complementando, questiona-se sobre ela voltar ou não para Guiné, “Então, no momento não, quero fazer Especialização [...] para poder conseguir um emprego e ajudar minha mãe, [...] o trabalho na Guiné deixa muito a desejar então quero ficar e trabalhar aqui” (N’Pili).

Quanto a questão de estudo na família, comenta sobre ela e seu primo terem nível superior “[...] duas primas terminaram o ensino médio, mas não entraram para o nível superior, e meus irmãos mais novos ainda estão estudando, minha mãe não estudou e meu pai tem estudo técnico”. (N’pili)

A Entrevistada Sami discorre sobre crescimento em uma família que lutava muito para se sustentar, assim tinha participação ativa na horta da avó, ajudava vendendo hortaliças na feira. Percebeu durante sua vida os desafios em vender produtos para garantir o almoço, muitas vezes comer, dependia do sucesso das vendas, mantendo uma memória de infância muito forte, relacionada à venda ser para comprar mantimentos.

Destaca outro ponto importante, sobre seus estudos terem sido feitos em escola privada, com contribuição do pai, mesmo não morando junto com os filhos e a mãe. E o quanto o trabalho conjunto com a avó na horta e na venda, foram essenciais no processo. Por fim, ela enfatiza sobre a importância do trabalho na educação. “[...] então esse dinheiro não foi para minha escola diretamente, mas

indiretamente contribuiu porque o dinheiro que a gente vendia com a minha avó pagava meu café da manhã e do meu almoço”. (Sami)

Passando para o Entrevistado Juca, ele destaca a relevância do trabalho informal, principalmente o de sua mãe, pois influenciou na sua vida pessoal e acadêmica. A mãe é apontada como uma figura fundamental em sua formação, desde o liceu até o Ensino Superior. Sempre ressaltando que houve contribuição do pai, mas destaca que a mãe, em sua formação educacional, teve um papel mais significativo.

A mãe desse entrevistado era responsável pela alimentação, especialmente durante os dois turnos de estudo, e contribuía financeiramente para o lanche na escola. E lembra também o quanto era carinhoso o envolvimento ativo da mãe nas atividades escolares, sem deixar de lado as tarefas de casa. O entrevistado reflete sobre como o trabalho da mãe contribuiu para seu sucesso tanto em Bissau quanto no Brasil. Expressão de gratidão pela mãe e reconhecimento da importância do trabalho informal em sua jornada, impacto positivo ao longo do tempo na sua formação como pessoa.

EDUCAÇÃO E LIBERTAÇÃO

Essa luta cotidiana das mulheres bideiras pela educação de seus filhos se relacionada com lutas sociais históricas da sociedade guineense, especialmente de um período em que o horizonte do direito à educação se misturava com o da luta pela libertação nacional, na qual muitas das mulheres participaram ativamente. Entre 1963 e 1974, buscou-se realizar um movimento de educação política para que a libertação nacional de Guiné-Bissau fosse possível. Foi importante recriar estruturas e processos que pudessem atender as necessidades do povo. E nesse caminho, a educação era essencial, o cuidado com as pessoas e, principalmente o combate a ignorância, para que a população tivesse a chance de recuperar sua voz e se tornarem-se potenciais políticos conscientes e ativos da sociedade.

Para tanto, investir na educação tornou-se fundamental na luta pela libertação, um pilar essencial nos níveis de resistência política, cultural, econômica, armada e social. Percebeu-se que o combate ao analfabetismo era o caminho, para que a população tivesse menos medo do futuro, e deixassem de lado a ignorância, pois a educação se tornaria a chave principal para que o povo africano pudesse ter voz e conseguir reivindicar seus direitos. A educação mostra o caminho para a construção

de membros das comunidades, politicamente conscientes, ou seja, ativos na sociedade sabendo exatamente o que é preciso para todos terem uma vida de liberdade (BORGES, 2022).

[...] a educação constitui a base fundamental em que deve assentar o trabalho de emancipação de cada ser humano, da conscientização do Homem [...] hoje a educação visa o objetivo da realização plena do Homem, sem distinção de raças ou de origens, como um consciente e inteligente, útil e progressivo, integrado ao mundo e seu meio (geográfico, econômico e social), sem qualquer tipo de sujeição. Para isso e por isso, a questão da educação não pode ser tratada separadamente da questão econômica-social [...] (CABRAL, 1951, p. 21).

No contexto do colonialismo, da opressão e da percepção e tomada de consciência quanto a essas estruturas, criou-se o Partido Africano para a Independência da Guiné-Bissau e Cabo Verde (PAIGC), em 1956, sendo fundado por um grupo de militantes anticolonialistas. Principalmente em Guiné-Bissau e Cabo Verde. Foi a força propulsora que surgiu a Geração Cabral, homenageando o líder Amílcar Cabral, para liderar a batalha pela libertação do colonialismo português (BORGES, 2022).

As mulheres entrevistadas, oriundas de diferentes regiões, destacaram a relevância do trabalho informal para sustentar suas famílias e assegurar a educação de seus filhos. O trabalho desempenhado por essas mulheres assume um papel crucial na luta contra o analfabetismo e no aporte para a evolução econômica do país. Elas compartilham a luta por uma vida de qualidade para suas famílias, sabendo que o trabalho informal não apenas favorece a economia local, mas principalmente, a educação e o futuro dos filhos. As vendas realizadas na informalidade, são essenciais para a erradicação do analfabetismo, pois asseguram recursos financeiros para a manterem os filhos focado na educação, para que eles não pensem em desistir, mas que se sintam seguros para continuar e fazer diferente.

Aquela luta inicial na época do PAIGC, para erradicar o analfabetismo, e acabar com o problema que muitas delas enfrentaram estudar apenas até as séries iniciais, vem atualmente aliada ao trabalho informal, já que essas mulheres estão empenhadas em trabalhar nesse mercado, mesmo sem apoio, mas sabem que a luta delas na “guerra” diária pelo sustento da família é para ver os filhos realizando sonhos que elas não puderam, além de terem vidas melhores, faz e fará toda diferença no futuro do país.

Pode-se perceber no relato das filhas e do filho das mulheres que atuam no mercado informal, a voz da compreensão e do puro reconhecimento, sobre o mérito do empenho do trabalho das mães para o incentivo na educação e para o sustento familiar. Essas filhas e filho perceberam o papel decisivo do trabalho informal no alicerce financeiro da família, favorecendo não apenas as despesas

cotidianas, mas as suas necessidades educacionais, para poderem continuar estudando e consequentemente para terem um futuro melhor, levando a cultura da educação para as próximas gerações, assim erradicando o analfabetismo.

Portanto, é notório que trabalho informal e a educação andam juntos, explanando que, mesmo perante os desafios e cicatrizes sociais associados a informalidade, e em relação ao preconceito sobre as mulheres serem provedoras da família. As mães desempenham um papel fundamental para que os filhos façam diferente delas, que tenham a oportunidade de não desistir dos estudos, mostrando que a taxa de analfabetismo pode ser reduzida por meio de uma forma de trabalho que não é vista pelo governo. Assim, enquanto os governantes ameaçam o histórico sonho do direito à educação, as mulheres bideiras o mantem vivo na sua luta cotidiana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação entre o trabalho informal e a educação é manifestado nas histórias das entrevistadas, ressaltando como esses dois pontos estão intrinsecamente ligados no contexto guineense. Enquanto o governo se mantém omissos em fornecer infraestrutura e oportunidades apropriadas, são essas mães e mulheres batalhadoras que estão na linha de frente, assegurando que seus filhos tenham acesso à educação e que possam seguir até o ensino superior, para que tenham melhores oportunidades. Ao apoiar essas mulheres é nas suas lutas é contribuir para criação de uma sociedade mais justa, igualitária e próspera.

É fundamental salientar que esses temas precisam serem abordadas de forma abrangente, garantindo a autonomia e a proteção adequada para essas mulheres que batalham dia após dia no mercado informal. Reconhecendo e valorizando que seu trabalho é uma contribuição para a economia nacional, sendo promotora de um desenvolvimento sustentável na Guiné-Bissau. A determinação e a resiliência das mulheres guineenses são fontes de inspiração e devem ser apoiadas em todos os níveis da sociedade.

Nesse contexto, vale ressaltar que a busca pela independência por parte das mulheres, através do trabalho informal, é mais do que uma singela questão econômica, é um ato de resistência contra sistema patriarcal, a divisão de gênero, pois essa cultura perpetua a mulher como subordinada. As

histórias dessas mulheres, que encaram jornadas puxadas nas feiras, revelam não somente sua resiliência, mas também sua determinação em fornecer um futuro melhor para os filhos.

Refletindo sobre as condições enfrentadas pelas mulheres no comércio informal em Guiné-Bissau, é evidente a necessidade de políticas governamentais urgentes que promovam a valorização e o apoio a esse setor. Para futuros estudos acadêmicos, seria pertinente averiguar a eficácia de programas de capacitação voltados para essas trabalhadoras, bem como o impacto de redes de apoio comunitário e cooperativas. Governamentalmente, é crucial implementar políticas de desenvolvimento econômico que incluam investimentos em infraestrutura, tecnologia e capacitação profissional, além de fortalecer os direitos trabalhistas e as redes de segurança social.

REFERÊNCIAS

BÂ, Hampaté. A. **Tradição viva. História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África**/editado por Joseph Ki-Zerbo. 2 ed. Ver. Brasília: UNESCO 2010. P.992.

BATISTA, E. C. MATOS, L. A. L. NASCIMENTO, A. B. **A entrevista como técnica de investigação na pesquisa qualitativa**. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.11, n.3, p.23-38, TRI III 2017.

BIALOBORSKA, Magdalena. **Dinâmicas e constrangimentos nos processos de organização dos trabalhadores informais da Guiné-Bissau**. Revista Angolana de Sociologia. Dezembro de 2014, n14, p.91-111

BORGES, M. M. **As mulheres em África: dinâmicas informais de socialização, educação, reprodução e inovação cultural**. Revista Educação em Questão, vol. 22, n. 8, 2005, p. 7-33 Universidade Federal do Rio Grande do Norte Natal, Brasil.

CHIQUETTI, T. F.; MONTENEGRO, M. S. **Ubuntu: busca de sentidos, caminhos para compreensões**. Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

FILGUEIRAS, L. A. M.; DRUCK, G.; AMARAL, M. F. **O Conceito De Informalidade: um exercício de aplicação empírica** CADERNO CRH, Salvador, v. 17, n. 211-229, Mai./Ago. 2004.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa. Universidade Aberta do Brasil**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/52806>. Acesso em: 19 jul. 2023.

GOMES, P. G. **As Outras Vozes: Percursos Femininos, cultura política e processos emancipatórios na Guiné-Bissau**. Revista ODEERE, n°1, 2016.

INE - Instituto Nacional de Estatística. Estatísticas de gênero. 2023. Mulheres E Homens Na Guiné-Bissau Femmes et hommes en Guinée-Bissau. Disponível em: https://www.undp.org/sites/g/files/zskgke326/files/2023-03/ESTATI%CC%81STICA%20DE%20GENERO%20GUINE%CC%81%20BISSAU%202023_230328_101506.pdf

MARTINS, H T. de S, H. **Metodologia qualitativa de pesquisa. Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.2, p. 289-300, maio/ago. 2004

MENDES. H. **Mindjeris Di Guiné-Bissau Tené Balur**. Monografia (Bacharel em Humanidades) - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), São Francisco do Conde-BA, 2016

MUSTAFA. Sana. **As Mulheres Guineenses na Luta de Libertação Nacional: Perfil Histórico**. Editora Guiné Livre, 2010.

SANCA, Ilda **A Inserção das mulheres das mulheres no mercado de trabalhona Guiné-Bissau**. 2014. Dissertação (Bachelarel em Administração) - Universidade Federal de Rio Grande De sul, Porto Alegre-Rs.

Silva, A.T. da. **A Presença Portuguesa na Guiné. História política e militar, 1878-1926**. S/l: Caminhos Romanos, 2016.

OYEWUMÍ, O. **Conceituando O Gênero: Os Fundamentos Eurocêntricos DosConceitos Feministas E O Desafio Das Epistemologias Africanas**. Volume 1, Dakar, CODESRIA, 2004, p.1-9.

FINANCIAMENTO:

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES)

MINIBIOGRAFIAS DA AUTORAS DO PAPER

Graduada em Humanidades (2018) e licenciada em ciências sócias pela universidade da integração internacional da lusofonia afro brasileira (2022). Mestra em Sociologia pela universidade Federal de Grande Dourados (UFGD) 2024. Atualmente doutoranda em sociologia pela mesma instituição.

DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS DA PESQUISA:

Todo o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo foi disponibilizado em repositório da Universidade Federal de Grande Dourados (UFGD) e pode ser acessado em: <http://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/handle/prefix/6037>

Declaração de Conflito de Interesse

De acordo com as diretrizes do Committee on Publication Ethics (COPE), declaro que este trabalho é parte da minha dissertação de mestrado, apresentada à Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), no Programa de Pós-Graduação em Sociologia, e foi financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Declaro que não existem outros conflitos de interesse financeiros, pessoais ou institucionais que possam ter influenciado o conteúdo ou os resultados apresentados neste trabalho.

Data: 06/09/2025

Assinatura



Documento assinado digitalmente

ROSIANI SANCA MARTINS

Data: 06/09/2025 16:28:40-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.